

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
“FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS”

Título da monografia

PROJETO DE PESQUISA:

**A FORMAÇÃO DO ARTE-EDUCADOR, SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA E A
FORMAÇÃO CONTINUADA**

**PROFESSORA ORIENTADORA: MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS
ALUNA: LILIANE FERREIRA MUNDIM**

8,5

HA

ABRIL DE 1999

Bom Trabalho monográfico

*Nota prejudicada pela dificuldade da
aluna em transformar o projeto monográfico
em monografia elaborada conclusivamente*

Problemas no cumprimento dos prazos

ÍNDICE

1- Introdução.....	3
2- O Problema -----	4
3- Objetivos -----	5
4- Desenvolvimento do trabalho	
1º Capítulo: Universidade : para que, por que, para quem-----	6
2º “ : A Arte- Educação: uma árdua trajetória-----	9
3º “ : O caminho das Artes Cênicas na Rede Pública Municipal –RJ --	11
4º “ : O papel da universidade -----	13
5º “ : Reencontrando novos rumos-----	14
6º “ : Construindo uma consciência política-----	22
7º “ : Investindo em Arte-Educação-----	24
8º “ : Reestruturando caminhos-----	26

5-Referências Bibliográficas-----	28
-----------------------------------	----

6-Anexos:

- Documento da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro
Fevereiro de 1985 – Indicação do caminho das Artes Cênicas na Rede.

-Educação Artística- Panorama da Rede
(Relatório desempenho 98)

-Projeto Linguagens Artísticas – Tabulação de questionário enviado aos professores da
rede Pública

-Cartas aos profissionais de Arte-Educação – convocação para as reuniões de resgate da
AERJ

-Programa de Extensão Núcleo de Arte - (estrutura e funcionamento)

1- INTRODUÇÃO

Considerando de fundamental importância a questão da formação do Arte-educador, especificamente do Teatro-educador e conseqüentemente a necessidade de uma formação continuada desse profissional, apresento aqui meu projeto de pesquisa identificado com essa área de atuação.

A formação em arte nesse país historicamente, já trás em seu bojo uma trajetória fragilizada e carente de identidade própria, vindo sempre a reboque de outras áreas de conhecimento. Portanto, com esse trabalho, pretendo analisar através de levantamento de dados e experiências teórico-práticas essa formação, no sentido de propor a criação de um Núcleo de Teatro Educação ligado à universidade que venha contribuir na questão da formação e na formação continuada desses profissionais.

Dentro da perspectiva de uma universidade que se propõe a atender a todo um universo micro e macro, com seus principais objetivos centrados na pesquisa, ensino e extensão, essa universidade *"não parece estar preparada para defrontar os desafios, tanto mais estes apontam para transformações profundas e não para simples reformas parcelares"*. (Santos, Boaventura de Souza. *"Pela mão de Alice"*. Cortez, 1997).

Seguindo essa idéia, "a teorização hoje dominante dos programas de extensão é reveladora dos limites da abertura da universidade à comunidade e dos objetivos que lhe subjazem."(ibdem). Sua reestruturação, num âmbito geral, torna-se urgente e necessária pois, citando nosso falecido mestre Darcy Ribeiro, em "A Universidade Necessária"(Paz e Terra, 1975), já encontramos citações que apontam nessa direção ao detectar que a tarefa da renovação universitária é, talvez o mais presente desafio com que se defrontam os pensadores do mundo moderno.

"Para nós, latino-americanos, repensar a universidade é peremptório, tendo em vista uma experiência secular de vida universitária e havendo alcançado, em nossos dias, consciência plena da ineficácia de seu modelo básico de ensino superior, estando assim mais motivados para enfrentar essa renovação do que os universitários das nações adiantadas. E ainda, considerando nossa capacidade de criar um modelo novo de estrutura que melhor corresponda aos requisitos necessários à atuação da universidade como agente nacional de mudança sócio-cultural, progressista e autônoma."

2- O PROBLEMA

Sendo assim, com essa preocupação ^{e tomando} como base de nossos principais questionamentos, abordamos o assunto perguntando-nos: estará o profissional de educação, principalmente o Arte-educador (nosso foco de discussão), habilitado a desenvolver seu trabalho satisfatoriamente? A formação da licenciatura habilita suficientemente esse profissional? Essa formação prepara -o para enfrentar o trabalho cotidiano?

Questões como essas e tantas outras levam-nos a repensar a universidade que temos e a universidade que queremos, para que e para quem queremos.

A questão da formação do profissional de Arte-educação, sua práxis pedagógica e conseqüentemente a necessidade de uma formação continuada não pode deixar de estar vinculada à própria estrutura do sistema universitário brasileiro que, ao longo dos anos foi-se tomando cada vez mais deficiente de recursos e de autonomia, fruto naturalmente de um sistema político e econômico que não priorizou a educação como meta de desenvolvimento.

“Até agora, na América latina, as universidades atuaram especialmente como agentes da manutenção da ordem instituída ou, no máximo, da modernização reflexa de suas sociedades...Na qualidade de instituições repetidoras e difusoras de um saber já elaborado em outras partes, nossas universidades não contribuíram para integrar suas nações à civilização industrial, como sociedades autônomas, porém para tomá-las mais eficazes como entidades dependentes.”
(Ribeiro, Darcy. *Ibidem*)

A partir dessas e de outras premissas, o embasamento teórico desses profissionais muitas vezes não possibilitou a adequação da construção de seu planejamento ao desenvolvimento de seu trabalho cotidiano. Nessa relação educação-trabalho, a acelerada transformação dos processos produtivos faz com que a educação deixe de ser anterior ao trabalho para ser concomitante deste, segundo Santos (“Pela mão de Alice”, 1997), e ainda afirma o autor que a formação e o desempenho profissional tendem a fundir-se num só processo produtivo, conseqüentemente como sintomas dessa trajetória estão as exigências da educação permanente, da reciclagem, da reconversão profissional, bem como o aumento da porcentagem de adultos e de trabalhadores-estudantes entre a população estudantil.

3- OBJETIVOS

Pretendo com essa pesquisa discutir as questões fundamentais da própria formação, aprofundando as características da atualização desse profissional, como se dá sua práxis pedagógica, a troca de experiências com seus pares, a oferta de formação continuada nessa área, bem como a demanda de cursos, seminários, congressos, encontros, associações sindicais, questionando também a qualidade dessas ofertas.

→ não é um projeto — essa é sua monografia, e não mais, pretendo esta reatualizada.

Pretendo também analisar e refletir sobre as questões da formação do profissional de Arte-educação e sua formação continuada, enfocando o Teatro-educador, e, a partir da constatação da necessidade dessa continuidade, construir o projeto de um pólo referencial para essa formação, criando um núcleo de Teatro Educação que deverá estar ligado à universidade dentro das três linhas principais que tangem o trabalho universitário: ensino – pesquisa – extensão.

A criação desse núcleo poderá vir a contribuir para a valorização desse profissional, no sentido de proporcionar um campo de troca de experiências, atualização, reaproximação desses profissionais, oportunizando também alunos licenciandos a participarem de suas atividades, interagindo-os portanto de seu futuro campo de trabalho.

4- DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

1º Capítulo:

Universidade: para que, por que, para quem...

'Todas as comunidades caracterizam-se por educar, o que é uma tentativa de determinar o futuro. Aqueles que educam, ou que se educam, têm algo de otimista, crêem que a vida vale e valerá a pena e imaginam um porvir. Educar é sempre uma tarefa carregada de utopias que lança um olhar aos anos que virão e exige o trabalho de nossa imaginação.'

(Puiggrós, Adriana. "Voltar a educar", 1997)

O ato de repensar a educação pode ser considerado hoje uma prioridade da sociedade. As transformações aceleradas do mundo moderno nos levam a pensar nessa urgência. Sendo assim, muitas políticas pedagógicas que vêm permeando nossos projetos educacionais, provavelmente tornam-se rapidamente defasadas.

Os profissionais de educação inserem-se nessa corrida contra o tempo, na tentativa de alcançar e, principalmente, não perder seu lugar ao sol nesse barco da história. Citando Célia Linhares em "A Escola e seus profissionais" (1997), "é na construção de sujeitos sociais, sempre capazes de instituir o novo no seu enfrentamento contra as opressões, produzidas historicamente, que repousam as esperanças dos processos de formação de professores neste conturbado final de século."

E para darmos conta desse imenso leque de possibilidades que nos levam a repensar nossas práticas teórico-metodológicas, será necessário um investimento maciço na formação básica e continuada do profissional de educação. Questões como identidade cultural, pluriculturalidade, multiculturalismo, na esteira da globalização, são desafios do nosso tempo que já não é mais suficiente para questões tão conflitivas e angustiantes. Parafraseando novamente Puiggrós,

"O caso dos professores de história da educação é, provavelmente, um caso limite dentro da prática educativa, já que deles depende que os futuros educadores sejam capazes de recolher o fio tempo / acontecimento que tece a sua identidade. Nenhuma metodologia participativa pode substituir, estimulando a expressão espontânea dos alunos, a transmissão de informações históricas pela palavra do professor, que se deve valer do livro, de vídeo, do hipertexto, etc."

Nesse contexto, nos perguntamos: qual o papel da universidade na formação desses profissionais? Estará ela habilitada a satisfazer plenamente as exigências da atual conjuntura sócio-político-cultural?

Segundo Darcy Ribeiro em "A Universidade Necessária" (1975), "na qualidade de instituições repetidoras e difusoras de um saber já elaborado em outras partes, nossas universidades não contribuíram para integrar suas nações à civilização industrial como sociedades autônomas, porém para torná-las mais eficazes como entidades dependentes."

Pensando nessas e em tantas outras questões da formação histórica de nossa universidade, onde nos descobrimos herdeiros de múltiplas experiências pedagógicas, desenvolvidas em diferentes contextos que não o nosso, podemos refletir melhor sobre como se deu e vem se dando, na realidade, essa formação. E também como isso constantemente reflete no cotidiano das escolas onde atuam esses profissionais.

Continuando nesse caminho de reflexão sobre essa herança multifacetada, incorporada em nossa formação cultural, alguns pontos contribuíram de forma crucial para essa carga negativa. Ainda citando Darcy, quando nos diz que nossa universidade ainda carrega um caráter elitista, um estilo autocrático e patricial, como também um caráter burocrático e uma tendência para atuar como agência de empregos.

Profissionais de educação, ao buscarem seu caminho de formação vêm-se diante dessa engrenagem enferrujada e com poucas perspectivas de avanço. Como "protagonistas de passados e presentes enredos, de próximas e distantes memórias, o professorado tem vivido, no Brasil, distintos percursos e experiências, inseridos nas estruturas e processos históricos mais amplos da formação social brasileira." (Teixeira, Inês Castro, "Os professores como sujeitos sócio-culturais", 1996).

Com diferentes formações e conseqüentemente diferentes visões filosófico-pedagógicas, essa práxis acaba tomando rumos tão heterogêneos e solitários, que o tempo para estudos adicionais, atualização, encontros com seus pares, frequência a diferentes estâncias político-pedagógicas tão imprescindíveis nesse caminho profissional, dilui-se ao longo do processo de trabalho. Isso vem a tornar o profissional de educação um ser fragmentado, que acumula funções, empregos, trabalhos paralelos (muitas vezes não pedagógicos), na luta pela sobrevivência.

Ainda citando Inês Teixeira, quando afirma que *"analisando sua dimensão de identidade isso é claro em vários aspectos. Pelo fato de sua remuneração depender de seu número de aulas ou do regime de trabalho, ambos com certa flexibilidade, e diante dos baixos valores da hora-aula e dos contratos de regime, o docente é impelido a ampliá-los. Assume um segundo contrato, aumenta sua carga de aulas e turmas, procura mais escolas para lecionar, como um meio de elevar seu rendimento mensal. Esse quadro de milhares de professores os diferencia dos demais assalariados e segmentos profissionais, contratados para uma única jornada, com horas fixas."*

E mais ainda quando *"seu período na escola caracteriza-se, ainda, em centenas de casos, por uma grande dispersão entre diversas séries, cursos, disciplinas, tipos de escolas e alunado, num corre-corre entre uma instituição e outra, entre uma e outra sala de aula, exigindo-lhe flexibilidade pessoal para lidar com realidades díspares."*

"Além disso, muitos preenchem seus horários, teoricamente vagos, com outras tarefas. Programam aulas particulares e turmas extras, como cursos de especialização e de reciclagem de professores, realizados em períodos de férias e fins de semana, ocasiões em que estarão ministrando aulas ou assistindo a elas. Outros completam seu orçamento com outras atividades, como a de um pequeno comércio a partir da própria escola. "

Dificuldades como essa e tantas outras perfazem o perfil de nossos profissionais de educação brasileiros.

2º capítulo:

A Arte-educação: uma árdua trajetória...

E o arte-educador? Como vem se dando sua práxis pedagógica? Além de todas essas premissas já citadas, sofre também a discriminação da área em questão – o ensino da Arte, disciplina que vinha sendo considerada como apêndice das outras áreas de conhecimento.

Retomando um pouco essa história do caminho percorrido pela Arte-educação brasileira, reportamo-nos aos anos 60/70, quando a tendência tecnicista é inserida na filosofia das escolas

“A LDB da Educação Nacional nº 5692 /71 introduz a Educação Artística no currículo escolar de 1º e 2º graus. Os professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas”. Desde a sua implantação, observa-se que a Educação Artística é tratada de modo indefinido, o que fica patente na redação de um dos documentos explicativos da lei, ou seja, parecer nº 540 / 77: “não é uma matéria mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”. Ainda no mesmo parecer fala-se da importância do “processo” de trabalho e estimulação da livre expressão.”

(Fusari e Ferraz, “Arte na Educação Escolar “,1993)

A partir dessa análise, parece-nos claro o despreparo tanto de profissionais que iriam atuar a partir daí como também do sistema institucional, no que se refere à valorização dos mesmos em seus meios escolares.

Ainda citando Fusari e Ferraz, que nos mostra que *“dentre os problemas apresentados no ensino artístico, após a Lei 5692/ 71, encontram-se aqueles referentes aos conhecimentos básicos de arte e métodos para apreendê-los durante as aulas, sobretudo nas escolas públicas. O que se tem constatado é uma prática diluída, pouco ou nada fundamentada, na qual métodos e conteúdos de tendência tradicional e novista se misturam, sem grandes preocupações, com o que seria melhor para o ensino da Arte.”*

Felizmente, desde os anos 60, profissionais preocupados com a discussão e o caminho da arte na educação escolar, principalmente na escola pública, começam a traçar novos rumos e propostas. A Pedagogia Libertadora de Paulo Freire que objetiva a transformação da prática social das classes populares, a Libertária (representada por Michel Lobrot, Célestin Freinet, dentre outros), como também a discussão tomou força em grupos de professores que buscavam a reestruturação de velhos modelos. Surge a Pedagogia Sociopolítica – que tinha como objetivos principais a luta pela educação escolar pública de qualidade e a garantia de que a escola não era a única responsável pelo acesso dos alunos aos conhecimentos fundamentais.

*“A escola não é o único segmento da sociedade responsável pelo processo de ampliação da conscientização política de cidadão e sim um dos segmentos que contribuem para isso. A conscientização política ocorre na prática social ampla e concreta do cidadão. A educação escolar deve assumir o ensino do conhecimento acumulado e em produção pela humanidade, isto é, deve assumir a responsabilidade de dar ao educando o instrumental necessário para que ele exerça uma **cidadania consciente, crítica e participante**. Isto implica em que o trabalho pedagógico propicie uma crítica ao social, no sentido de transformá-lo.”*

(Fusari e Ferraz)

Sendo assim, pensar em Arte-educação é praticamente pensar em como ser professor que ministra uma disciplina, portanto, uma área de conhecimento chamada Arte. Ainda parafraseando Fusari e Ferraz, *“no caso do professor de Arte, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, ele precisa **saber arte e saber ser professor de arte.**”*

3º Capítulo:

O caminho das Artes Cênicas na Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro

Com relação à trajetória das Artes Cênicas, pesquisamos aqui alguns fatos e ações que vêm norteando os caminhos dessa área de atuação. Como exemplo citamos um documento elaborado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (ainda em 1982), que através de um grupo de trabalho formado em seu Departamento Geral de Cultura, verificou em seus professores de Artes Cênicas uma enorme diversidade de formação e variadas formas de aplicação da teoria nas atividades desenvolvidas. Resolveram propor então uma diretriz filosófico-metodológica que embasasse melhor a atuação desses profissionais, tendo como principais propostas: organizar a orientação da disciplina, estudar as dificuldades emergentes da prática deste trabalho e situar a disciplina na prática educacional.

Propuseram também um curso de especialização ministrado por professores especialistas na área de Artes Cênicas, curso este que daria a possibilidade a qualquer professor de nível superior vir a optar pelo exercício das Artes Cênicas.

Em 1985, A Secretaria Municipal de Educação, na gestão da Professora Maria Yeda Linhares, ao detectar a inexistência de formação específica de recursos humanos para atuarem nessa área nas Unidades Escolares, indicou através de ofício ao Secretário Municipal de Administração, professores de diferentes áreas de atuação, para ministrarem aulas de Artes Cênicas, desde que preenchessem os pré-requisitos estabelecidos pela Secretaria de Educação. (anexo 1)

Pontuamos aí algumas questões bastante importantes nesse caminho: a falta de investimento suficiente, por parte dos cursos de formação em arte, para a demanda de alunos sem professores como também o problema de formar professores através de cursos em uma área de atuação que necessita como qualquer outra, de um maior número de disciplinas, estudo e pesquisa mais aprofundada. Não queremos com isso invalidar a proposta tirada por esses profissionais da Secretaria de Educação porém, é um ponto a mais para refletirmos sobre essas resoluções tomadas em espaços institucionais que não são adequados talvez para suprir a questão da formação do magistério.

Felizmente, inserida nessa história de lutas, detectamos um movimento da própria Secretaria Municipal de Educação através do Departamento Geral de Educação, ainda na gestão do Prefeito Saturnino Braga, conclamando os profissionais de Educação Artística, para um Encontro de Arte-Educação onde seriam debatidos temas como :

- II Simpósio Internacional da História da Arte-Educação (em Salvador, agosto de 86)
- Levantamento de dados que traçassem o perfil do arte-educador
- Estabelecimento de bases reais para a formação de uma associação de Arte-educadores no Estado do Rio de Janeiro.

Na mesma gestão, vimos esse esforço no sentido de promover pólos de Artes Cênicas para os professores, formação de grupos de estudos e encontros bimestrais dessa área, provavelmente por conta do pequeno quantitativo de professores para atuarem em suas escolas.

4º Capítulo

O Papel da Universidade

Mas, e a Universidade? Qual o seu papel? Estará ela comprometida com todas essas questões? A formação da Licenciatura habilita suficientemente esse profissional e o prepara para enfrentar o trabalho cotidiano na escola?

A nova LDB nº 9394/96, em seu capítulo II da Educação Básica (art. 26, parágrafo 2º), orienta que *"o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos"*

Pensar em obrigatoriedade hoje é pensar, principalmente, em como dar conta dessa obrigatoriedade: as leis da oferta e da procura, a conscientização e o cumprimento das leis, a valorização das disciplinas de arte e tantos outros pontos importantes a serem considerados nesse contexto.

Dados recentes em termos quantitativos, relativos aos profissionais de arte que atuam na Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro (Relatório de Desempenho – 1º Bimestre / 98) já apontam essa distorção :

para atuar nas 1033 escolas municipais da Rede (sendo 404 do 2º segmento, com cerca 6400 turmas) contamos com 811 professores que perfazem um total de 950 matrículas para atuar. Isso significa que em termos gerais 54 587 alunos (1370 turmas) estão sem professor de arte. (Dados da Secretaria Municipal de Educação- Projeto Linguagens Artísticas / 1998) (anexo 2)

Em 1939, o Curso Prático de Teatro CPT, foi criado a partir do Serviço Nacional de Teatro –SNT. Mas, só a partir de 1974, foi devidamente regulamentado.

Ainda congregado a antiga FEFIEG, com o nome de Escola de Teatro, em março de 1984 teve início o Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação Artes Cênicas, oferecendo 20 vagas por semestre.

O curso de Licenciatura hoje é inserido na Universidade do Rio de Janeiro – Uni-Rio, no Centro de Letras e Artes – Escola de Teatro – Departamento de Interpretação. Exige o cumprimento de 29 disciplinas obrigatórias, sendo Teatro

Educação com três períodos e Prática de Ensino com dois períodos, que são exercidos nos diferentes campos de atuação –instituições escolares públicas e privadas. Para enriquecer essa prática está-se criando atualmente uma perspectiva de estágios em diferentes instituições não educacionais como hospitais, grupos diversificados, etc. Com isso espera-se que seus licenciandos possam adquirir o máximo de experiências prático-teóricas na área de Teatro Educação.

5º capítulo:

Reencontrando novos rumos...

No Brasil hoje, em fim de milênio, várias tendências para o ensino da arte configuram-se, sem dúvida, por um caminho de busca da melhoria desse trabalho. Algumas perspectivas apontam como uma luz no fim desse túnel tão cheio de reentrâncias e desvios. Citamos aqui como exemplo a palestra proferida pela professora Yvone Richter no último " Seminário de Educação Artística - Novas Perspectivas / 98 ", promovido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que nos situa nas principais discussões atuais que pertinentes ao ensino de Arte. Questões como :

- . Obrigatoriedade
- . Linguagens específicas
- . Parâmetros Curriculares Nacionais
- . Parâmetros estaduais / municipais
- . Escolas - grades curriculares
- . Integração escola / comunidade
- . Interdisciplinaridade
- . Multiculturalismo
- . Enfoque da arte como área de conhecimento

Especificamente citando os novos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) certamente podemos ampliar nossas discussões e reflexões e até, quem sabe, voltarmos a velhas utopias, tão distantes no tempo, partindo do pressuposto de que já temos pelo menos um respaldo a nível federal.

Mas será o suficiente? Essas questões não poderão ser ainda mais conflitivas e angustiantes?

Observamos algumas vezes o empenho de educadores em elaborarem pareceres e propostas, exprimirem vontade de voltar às universidades, aos cursos de pós-graduação, cursos de atualização. Na outra face da moeda, o sistema institucional, ainda sob a égide da burocracia paralisadora, complicada, estimula uma competição injusta entre jovens ainda imaturos - dispostos a qualquer sacrifício para se firmarem no mercado de trabalho - com profissionais já institucionalizados. Esse sistema propiciará condições para que estes possam dar a virada necessária para permanecerem em seus postos fazendo um trabalho de qualidade?

Citação do próprio PCN – Arte, nos aponta a seguinte reflexão:

“No ensino da Arte no Brasil observa-se um enorme descompasso entre as práticas e a produção teórica na área, incluindo a apropriação desse conhecimento por uma parcela significativa dos professores. Tal descompasso é fruto de dificuldades de acesso a essa produção, tanto pela pequena quantidade de livros editados e divulgados sobre o assunto como pela carência de cursos de formação contínua na área. Nota-se ainda a manutenção de clichês ou práticas ultrapassadas em relação aos conhecimentos já desenvolvidos na área.”

E para piorar essa situação, mesmo levando-se em conta a obrigatoriedade da nova LDB (1996) obrigando a inclusão da Arte no Ensino Básico, ainda nós deparamos com um problema fundamental, já citado acima com dados atuais e significativos: a falta do profissional de Arte, tornando ainda mais caótica a situação. Ainda citando os PCNs Arte, *“outro problema grave enfrentado pela área de Arte é sem dúvida o reduzido número de cursos de formação de professores em nível superior.”*

Mas, para que não nos deixemos levar por uma linha pessimista, podemos acreditar que seja esse, com certeza, mais um período de transição, como tantos outros passados, que podem nos levar a caminhos mais claros e menos angustiantes no futuro.

O próprio PCN – Arte nos alerta:

“O importante neste estágio atual da educação brasileira é que os professores que se dispuserem a ensinar arte tenham um mínimo de experiências prático- teóricas interpretando, criando e apreciando arte, assim como exercitem a reflexão pedagógica específica para o ensino das linguagens artísticas. E para isso é necessário haver cursos de especialização , cursos de formação contínua, nos quais possam refletir e desenvolver trabalhos com a arte.

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não podem trabalhar. Só é possível fazê-lo a partir de um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica, material adequado para as práticas artísticas e material didático de qualidade para dar suporte às aulas”

Na preparação para o “V Seminário de Arte – Novas Perspectivas “ promovido pela Secretaria Municipal de Educação – RJ no ano de 98, a equipe do Projeto Linguagens Artísticas, com o objetivo de coletar dados a respeito de questões básicas conceituais sobre o ensino de Arte nas escolas, formulou um questionário –pesquisa (vide anexo 2) que foi enviado a todos os profissionais de Arte da Rede Pública.

Analisando essas respostas, podemos constatar o pouco embasamento teórico com relação a objetivos e conteúdos da área de Arte como campo de conhecimento. Além disso, detectamos a precariedade das condições de trabalho desses profissionais com relação à infra-estrutura básica, o apoio da direção das escolas e da comunidade escolar. O que constata também a falta de conhecimento nesse terreno sobre essa área daqueles que estão envolvidos direta e indiretamente no processo pedagógico das instituições de ensino. O questionário também denota o desejo desse professorado ao acesso a novas e diferentes formas de atuar, ampliação de cursos de atualização, material bibliográfico, convênios com universidades, etc.

Com isso constatamos o que já citamos anteriormente, ou seja, que a vontade de crescimento profissional é veemente e urgente, mas, em contrapartida, ainda temos uma série de entraves que dificultam essa luta pela transformação.

Com relação por exemplo à pesquisa em Arte-educação, entraves ainda maiores e mais complicados partem dos próprios órgãos oficiais responsáveis por esse fomento. Segundo pesquisa recente da Professora Ana Mae Barbosa, em seu último livro "Tópicos Utópicos" (Edit. C / Arte, 1998),

"...no Brasil, onde a desconfiança interdisciplinar e a falta de disposição para navegar por mais de uma disciplina levou a ANPPAV – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Visuais (não é a ANPAP) a aprovar a exclusão da arte-educação da área de artes do CNPq e da CAPES. Essa associação tem o aval destas duas entidades que deveriam estar lutando pela melhoria da educação, pois são governamentais e o governo todo dia entra em nossa casa através de jornais e televisões para afirmar a prioridade de suas ações em relação à educação. Enquanto isso, e uma reunião (9 de outubro de 1997) de apenas 12 pessoas, sem nenhum arte-educador presente, a ANPPAV votou a eliminação da arte-educação pelo fato de ser difícil decidir quando um projeto apresentado é de arte ou de educação. Trata-se de mera intolerância interdisciplinar e desrespeito pela epistemologia da arte."

Poucas universidades hoje aceitam em seus cursos de mestrado e doutorado projetos de arte-educação. Alguns casos raros, como por exemplo a USP que

"...continua a ser a única universidade no Brasil a ter cursos de doutorado em música, em teatro, em poéticas visuais, em Arte-educação e em história da arte. Um único programa de doutorado com vagas necessariamente limitadas para atender às expectativas dos egressos de 249 cursos de graduação em artes no país (medicina tem apenas 83) significa um estrangulamento na formação de pesquisadores para a área. Destes cursos, 132 são de licenciatura, isto é, formam os Arte-educadores, aqueles profissionais responsáveis em promover o entendimento, a apreciação e a percepção artística e estética, assim como a alfabetização visual e, em grande parte, cultural. Portanto, o caso da Arte-educação é ainda mais grave, pois não há sequer mestrado nessa área em qualquer outra universidade brasileira.

E ainda complementa:

"... A USP também mantém um curso de Especialização em Arte-educação desde 1984 e, em 1991, criou-se no MAC o único curso permanente de especialização em estudos de Museu de Arte. Por tudo isso, as artes, na USP, embora muito jovens, com menos da metade da idade da Universidade, já contam com muitas conquistas. Foi somente depois da ditadura que a Universidade deixou de tratar as artes como madrasta, embora ainda falte muito para tratá-las como filhas diletas." (Barbosa, Ana Mae. "A Imagem no ensino da Arte", 1994)

A proposta para o Núcleo Curricular Básico do Município do Rio de Janeiro – *Multieducação- 1996*, compreende arte como parte integrante da vida dentro e fora da escola.

"As Linguagens Artísticas permeiam todas as áreas do saber e precisam ter seu valor reconhecido, como mais uma forma de expressão e de linguagem, tão importante e necessária quanto todas as outras. A arte precisa se mostrar significativa para professores e alunos, através das experimentações, do fazer e do refletir artístico, partindo do contexto cultural e histórico daquele grupo e chegando a outros diferentes contextos."

Cientes, talvez, de antigos moldes metodológicos impostos ao alunado durante tantos anos, esse documento tenta chamar a atenção para a participação ativa de toda a comunidade escolar no processo de revitalização do espaço pedagógico, usando de forma quase poética essa chamada para reflexão, citando que *"a sala de aula do tamanho do mundo busca favorecer a livre expressão, através das diferentes linguagens, com o colorido da imaginação e da fantasia de todos."* (*Multieducação*)

Acontece que o que vemos no dia a dia escolar ainda está longe de tais mudanças. Como transformar esse quadro diante de tantos impasses?

Não podemos deixar de lembrar mais uma vez o professor Paulo Freire que tantas contribuições deixou para nossas reflexões. Cair no exagero dos extremos de otimismo e pessimismo não nos levará a lugar nenhum. O documento básico do município reafirma

"Em toda a sua obra, Freire sempre criticou as visões acriticas de educação combatendo o otimismo ingênuo daqueles que acreditam que a educação é capaz, por si só, de promover as transformações democráticas que a sociedade

necessita. Da mesma maneira critica o pessimismo fatalista dos que esperam que as mudanças infra-estruturais aconteçam, para que somente assim a educação possa desempenhar o seu potencial transformador. Paulo Freire aponta o papel mediador da educação no processo de transformação social. Nesta perspectiva a educação não é nem redentora da sociedade nem tão pouco está passivamente à espera das mudanças estruturais. O aluno, enquanto sujeito educacional, tem sua subjetividade evidenciada frente às situações históricas. O indivíduo é um sujeito ativo numa sociedade em permanente movimento histórico, onde as transformações ocorrem pelas ações mútuas."

(Multieducação)

E ações constantes são provavelmente o único caminho que nos guiará como educadores. Mas, em contrapartida, precisamos estar atentos às distorções também inseridas nas propostas de políticas pedagógicas que visam dar conta da formação do professorado. Assim como vem acontecendo ao longo desses anos em relação à evasão do alunado, constatamos também a evasão dos profissionais de ensino. Segundo dados recentes, só no ano de 1994, no Município do Rio de Janeiro, os pedidos de exoneração de professores chegou a 13 por dia.

Políticas públicas apropriam-se da discussão pedagógica, muitas vezes não deixando espaço para que se dê a interlocução. Célia Linhares nos fala dessa pesquisa reafirmando que *"há um certo isolamento nas discussões e pesquisas sobre formação de professores, como se todas elas pudessem ser vitalizadas sem a interlocução e a apreensão pelos professores"*.

Além disso ainda contamos com critérios avaliativos excludentes, com características de medição e aferição, o que colabora para que o professorado se sinta muitas vezes ainda mais incompetente e defasado em seus métodos, fazendo com isso que ele corra contra o relógio na tentativa de acompanhar o processo evolutivo das novas propostas teórico-metodológicas. Ainda citando Célia,

"Certamente este é um dos componentes da aflição do professorado, sempre pendente da última novidade autorizada, por força de um processo de formação feito na onda da fragmentação, tão viva na alienação do trabalho produtivo quanto na imersão informativa a que estamos mergulhados. É este um dos motores que alimentam a usina de gastos em "reciclagem do professor", que, a troco de algumas atualizações, reiteram as exigências de sofisticação da escola moderna em que pouca falta faz a capacidade de ensinar como quem

compartilha experiências e como quem refaz as aventuras das descobertas. São estes cursos – que desde o nome identificam o professor com resíduos inanimados que precisam ser reciclados – que vão abrindo o caminho para a substituição do mestre pela televisão e por todas as receitas tecnológicas.”

Ana Mae, em “A Imagem no ensino da arte”, pontua que *“a falta de correspondência entre os objetivos e a prática real na sala de aula é provada pela análise conjunta das duas pesquisas juntas. Objetivos são simplesmente palavras escritas nos programas ou estatutos que não têm sido postos em prática.”*

Com relação à avaliação em arte, muito se colabora para a desvalorização dessa disciplina quando o próprio

“sistema educacional não exige notas em arte porque a educação artística é concebida como uma atividade, mas não como uma disciplina de acordo com interpretações da lei educacional 5692. Algumas escolas exigem notas a fim de colocar artes num mesmo nível de importância de outras disciplinas; nestes casos o professor deixa as crianças se auto-avaliarem ou as avalia a partir do interesse, do bom comportamento e da dedicação ao trabalho.”

(Barbosa, Ana Mae. . “A Imagem no ensino da Arte”)

Nos novos rumos avaliativos dos PCNs de Arte, já se compreende a questão da avaliação como processo de ensino e aprendizagem de arte com objetivos e orientações específicas da área. A avaliação em arte pode diagnosticar níveis de conhecimento artístico, podendo ser realizada ao longo do processo de um conjunto de atividades.

“Um entendimento da avaliação nessa concepção abre espaços para ações também prospectivas na prática educacional, pois a construção de sequências de unidades didáticas e projetos pode ser definida com maior clareza. Tal entendimento impulsiona processos de criação e aprendizagem definindo com particular felicidade a construção de formas artísticas e promovendo a educação estética.”

(PCN –Arte)

Outro ponto de suma importância no processo histórico pedagógico da área de arte, tem caráter fundamentado nas pesquisas da professora Ana Mae Barbosa, em sua proposta triangular (antiga denominação de metodologia triangular) que coloca a apreciação artística e a contextualização histórica da arte no mesmo patamar do fazer artístico. Com isso, podemos constatar uma nova reflexão crítica teórico-metodológica que aborda as questões conteudísticas da arte-educação como área de conhecimento. Em Fusari e Ferraz , 1995, já é citada como

“uma das ações que está em processo, hoje, e que vem se afirmando por sua abrangência cultural, refere-se a um posicionamento teórico-metodológico, conhecido entre nós por “Metodologia Triangular” (hoje denomina-se proposta triangular). Esta proposta, difundida e orientada por Ana Mae Barbosa, e que está sem dúvida interferindo qualitativamente no processo e melhoria do ensino da arte, tem por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em arte: O fazer artístico, a análise de obras artísticas e a história da arte .”

6º capítulo:

Construindo uma consciência política...

Outro ponto importante a se levantar se refere a questão do preparo político dos arte-educadores. No Brasil, essa participação começou em 1980 na "Semana de Arte e Ensino" na Universidade de São Paulo, que reuniu cerca de 2700 Arte-educadores de todo o país. A partir daí surgiram organizações associativas.

Em 1988, já quatorze associações estaduais criaram a Federação Nacional. Enfrentando algumas batalhas mais recentes, a "Federação de Arte de Educadores do Brasil" - FAEB, durante a finalização da última LDB - 9394/96, viu-se diante da proposta do professor Darcy Ribeiro, que pretendia retirar a Educação Artística da Grade Curricular. Arte-educadores de todo o Brasil, através de suas associações, promoveram um verdadeiro levante, enviando telégramas, cobrindo monumentos de luto, indignados com mais uma tentativa de extinguir a arte e colocá-la de lado no processo educativo. Felizmente houve a "virada da mesa" a tempo de incluir a Arte definitivamente no currículo obrigatório.

Mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Novamente citando a professora Ana Mae, quando se refere a essa questão é enfática em dizer que *"as associações têm sido vitoriosas na preparação política dos professores de arte, mas poucas delas tiveram tempo de desenvolver programas de pesquisa (exceto a AESP - Associação de Arte educadores de São Paulo), e de aperfeiçoamento conceitual para Arte-educadores."*

("A Imagem no ensino da Arte", 1994)

Recentemente, durante o último Congresso da FAEB - Brasília 98, participamos de diversas discussões políticas e teórico-metodológicas. A FAEB comprometeu-se, enquanto entidade com objetivos de articular e embasar essa consciência política, a acompanhar esse processo de reestruturação das propostas curriculares do ensino universitário, retirando no Congresso várias propostas de trabalho:

As principais **moções** aprovadas nesse encontro foram: (último Boletim da FAEB – abril/99)

.relativas à área de Dança - para que se mantenha espaços de discussão em todos os Congressos.

.relativas aos concursos públicos para professores de Arte - pressionando as instituições a especificarem em seus editais a formação profissional a que se destinam as vagas (as diferentes Licenciaturas em suas especificidades: Teatro, Dança, Desenho, Artes Plásticas, Educação Artística, Música), e que as provas sejam de conhecimentos pertinentes a cada campo de formação acadêmica.

.relativas aos PCNs - que o MEC e as Secretarias de Educação coordenem junto à universidade e instituições congêneres, um processo de implantação pautado em ações eminentemente pedagógicas, tais como: cursos de educação continuada, produção de textos teóricos e orientação didática, etc. E que essas ações tenham a participação de Arte-educadores locais.

.relativas a recursos financeiros- que esses sejam garantidos para o pleno desenvolvimento das medidas político-pedagógicas.

Ainda nesse encontro de Brasília, estiveram também presentes Arte-educadores do Rio de Janeiro que assumiram o compromisso de reativar sua Associação Estadual a AERJ, encontrando-se já há alguns anos desarticulada.

Esse processo detonou o desejo de realizarmos no Rio de Janeiro o Congresso FAEB - 2000 congregando na cidade Arte-educadores de todo o Brasil, como também representantes de outros países. Para isso torna-se fundamental, nesse momento iniciarmos um processo de reativação da associação, elegendo uma nova diretoria e formando uma comissão para o evento de 2000.

Nos meses de abril e maio do corrente ano, realizamos duas reuniões no auditório do Centro de Ciências Humanas da Uni- Rio, que, coincidentemente sediou em 1983 (segundo depoimento de profissionais envolvidos- na escola de Teatro) , a primeira reunião de formação da AERJ (vide anexo 3). Contamos com a presença de 14 profissionais na 1ª reunião e 16 na 2ª, das áreas de Teatro e Artes Visuais (o que dentro do quantitativo de profissionais do Estado é bem insignificante, mas se analisarmos a atual conjuntura torna-se aceitável), e tiramos o compromisso de reiniciarmos a luta.

Paralelo às questões do evento, discutimos também algumas questões pertinentes a posicionamentos políticos – pedagógicos relativos a nossa área de atuação e a importância de nos fortalecermos coletivamente num movimento associativo. Ainda citando Ana Mae, consideramos fundamental reafirmar que *“as associações constroem uma consciência política que dá mais segurança para ousar conceitualmente.”*

(*“A imagem no ensino da Arte”*).

7º Capítulo:

Investindo em Arte -educação ...

Algumas políticas públicas vêm desenhando-se em processos mais lentos, porém significativos. A criação e implantação na Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, em 1994, do Programa de Extensão Núcleo de Arte, tem sido uma dessas ações.

Com o objetivo principal de oportunizar a participação de alunos da Rede Pública em atividades artísticas através de oficinas nas diferentes linguagens como Teatro, Dança, Música, Artes Visuais, Artes Literárias, outras atividades afins, o Programa atende cerca de 4000 alunos que frequentam as oficinas voluntariamente. Contando com cerca de 80 profissionais de arte com formação específica, os Núcleos são em número de oito, espalhados pelas diferentes regiões do Município do Rio de Janeiro. Sediados em escolas da Rede, tem autonomia própria de funcionamento e são vinculados às Coordenadorias Regionais de Educação (CREs - em nº de 10), ligados à Secretaria de Educação através do Departamento Geral de Educação – Diretoria de Ensino Fundamental – Projeto Linguagens Artísticas.

Nesse processo, as ações de atualização e capacitação desses profissionais têm recebido um razoável investimento. Contam com uma Coordenação Pedagógica formada por profissionais que intermediam o trabalho

de campo com o da Secretaria. Participam de reuniões pedagógicas e centros de estudos sistematicamente, frequentam oficinas, cursos, seminários, visitam centros culturais e assistem a espetáculos de arte. Verificamos, com isso, um avanço significativo no trabalho desenvolvido.

Não queremos, porém, invalidar o trabalho de arte dentro da Grade Curricular. O caminho do Programa de Extensão Núcleo de Arte (vide anexo 4) tem características próprias, visando o aprofundamento das linguagens artísticas, o que certamente se faz com mais clareza e plenitude após a alfabetização em arte que se espera do processo normal do aprendizado na Grade.

“Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos.”

(Barbosa, Ana Mae. “A imagem no ensino da arte”)

Dentro dessa perspectiva, alguns movimentos de conscientização da importância da formação continuada do educador, começam a tomar corpo. Em algumas questões levantadas em sala de aula no curso de Teatro Educação da Uni-Rio, durante os anos de 1997, 98 e início de 99, observamos essa preocupação dos alunos em processo de formação. Em seus questionamentos, já fica visível a preocupação com a atuação no cotidiano de trabalho a partir do final do curso no sentido da atualização constante de sua prática e sua pesquisa teórica. Como realimentá-las?

Paulo Freire já nos alertava para pensarmos nesse *inacabamento*.

“Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.”

(“Pedagogia da Autonomia”. 1997)

8º Capítulo

Reestruturando caminhos...

Portanto, repensar o papel da universidade hoje no âmbito dessa proposta de pesquisa, é tarefa primordial. Em Boaventura ("Pela mão de Alice", 1997), encontramos essa referência analisada com clareza quando cita :

" A crise institucional tenderá a absorver as atenções da comunidade universitária e, para além de certo limite, tal concentração fará com que as outras duas crises se resolvam pela negativa: a crise de hegemonia, pela crescente descaracterização intelectual da universidade; a crise de legitimidade pela crescente desvalorização dos diplomas universitários. "

E ainda apresenta algumas teses que podem nortear mudanças nessa atuação. Uma delas refere-se às três vertentes principais do trabalho universitário que são: a Pesquisa, o Ensino e a Extensão.

"A universidade que se quiser pautada pela ciência pós-moderna deverá transformar os seus processos de investigação, de ensino e de extensão segundo três princípios: a prioridade da racionalidade moral-prática e da racionalidade estético –expressiva sobre a racionalidade cognitivo-instrumental; a dupla ruptura epistemológica e a criação de um novo senso comum; a aplicação edificante da ciência no seio de comunidades interpretativas."

E complementando esse pensamento acrescenta que *"a universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre saberes. A hegemonia da universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona."*

A partir desses questionamentos, estamos imbuídos da idéia da criação de um Núcleo de Teatro Educação ligado ao Departamento de Interpretação – Licenciatura em Artes Cênicas- da Universidade do Rio de Janeiro –Uni-Rio. Esse Núcleo tem por objetivo ser um ponto de referência para o educador de Teatro,

visando proporcionar aos graduandos e pós-graduados subsídios teórico-práticos: informações atualizadas sobre referências bibliográficas, cursos, seminários, referências de instituições governamentais e não governamentais, orientação e consultoria pedagógica. Além disso pretende proporcionar a esses educadores a troca de experiências com seus pares.

Citando mais uma vez Boaventura *“a universidade deverá criar espaços de interação com a comunidade envolvente, onde seja possível identificar eventuais atuações e definir prioridades. Sempre que possível, as atividades de extensão devem incluir estudantes e mesmo funcionários. Devem ser pensadas novas formas de “serviço cívico” em associações, cooperativas e comunidades.”*

(“Pela mão de Alice”)

Essa proposta da criação do Núcleo encontra-se em fase de discussão e elaboração pelos alunos, ex-alunos e professores da Licenciatura em Teatro, e acreditamos venha a ser implantada oficialmente o mais breve possível. Um ante-projeto já foi entregue à Chefe do Departamento de Interpretação.

Na expectativa de estarmos sempre em consonância com os novos tempos, interagindo na contemporaneidade sem perder de vista raízes e identidades sócio-culturais, deixamos aqui questionamentos, dúvidas, apreensões e preocupações, buscando um novo redimensionamento dos nossos múltiplos olhares e saberes sobre o mundo.

E, finalizando, deixamos a palavra com nosso tão admirável mestre Paulo Freire, que tão sabiamente nos diz que

“não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

(“Pedagogia da autonomia”, 1997)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *Freire, Paulo. "Pedagogia da Autonomia". São Paulo, Paz e Terra, 2ª edição, 1997.
- *Ribeiro, Darcy. "A Universidade Necessária". São Paulo, Paz e Terra, 5ª edição, 1975.
- *Santos, Boaventura de Sousa. "Pela Mão de Alice", São Paulo, Cortez, 1997.
- *Linhares, Célia Frazão Soares. "A escola e seus profissionais – tradições e contradições". Rio de Janeiro, Agir, 1997.
- *Puiggrós, Adriana. "Voltar a educar". Rio de Janeiro, Agir, 1997.
- *Barbosa, Ana Mae. "A Imagem no ensino da arte", São Paulo, Cortez, 1993
"Tópicos Utópicos". Belo Horizonte, C/Arte, 1998.
- *Ferraz, Maria Heloísa C. de T. e Fusari, Maria F. de Rezende.
"Metodologia do ensino da arte". São Paulo, Cortez, 1993.
"Arte na Educação Escolar". São Paulo, Cortez, 1993.
- *Dayrell, Juarez. (Organizador). "Múltiplos Olhares sobre educação e cultura" in "Os professores como sujeitos sócio-culturais". Teixeira, Inês Castro.
Belo Horizonte, UFMG, 1996.
- *Ministério da Educação e do Desporto- Secretaria de Educação Fundamental - "Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Arte. , Brasília, 1998
- *Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro- Secretaria Municipal de Educação Núcleo Curricular Básico – Multieducação, Rio de Janeiro, 1996
- *Diário Oficial de 23 de dezembro de 1996. "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional". Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- *Federação de Arte Educadores do Rio Janeiro – FAEB. Boletim de abril / 99



Secretaria Municipal de Educação e Cultura

17052 000991

SECRETARIA MUNICIPAL DE

PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

Ofício Nº 061 /E/GAB

Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1985

Senhor Secretário:

Com a inexistência de formação específica de recursos humanos para atuarem na área de Artes Cênicas, nas Unidades Escolares da rede municipal de ensino, a indicação dos professores para este componente curricular vem sendo feita pelos Diretores de Escola, que os recrutam entre os excedentes de outras disciplinas, em geral.

Preocupada com os resultados práticos que este sistema possa vir a causar, no que se refere à qualidade do atendimento aos nossos alunos, e com respeito à necessidade de se definir, sem que haja dúvidas, a área de atuação destes professores, a SME criou uma Comissão Representativa dos Professores de Artes Cênicas para, em conjunto com os órgãos competentes, buscar uma forma de resolver a questão da sua atuação.

A Comissão, a Assessoria de Atualização Administrativa da E/SUB e o Departamento Geral de Cultura elaboraram, então, critérios que norteassem a indicação desses professores, buscando aproveitar e garantir-lhes o direito de lecionar Artes Cênicas, regularizando, assim, sua situação funcional.

Foram considerados pré-requisitos para atuar no componente de área Artes Cênicas:

1. ser detentor do cargo de Professor I, para lecionar de 5.^a a 8.^a série;
2. ser relacionado nos quadros do Município;

Excelentíssimo Senhor

DR. LUIZ CARLOS DE SOUZA MOREIRA

Digníssimo Secretário Municipal de Administração.

- 311
3. possuir certificado ou declaração de que está frequentando curso de iniciação e/ou complementação em Artes Cênicas, promovido pelo INACEN (antigo SNT), pelo Serviço de Teatro e Cinema do E/DGCT ou pela UNI-RIO;
 4. ter efetivo exercício nesse componente curricular em escolas da rede municipal, priorizando-se:
 - a) regência ininterrupta;
 - b) exercício no Serviço Técnico de Apoio Cultural dos E/DECS ou em outro setor da SME, ligado às Artes Cênicas.

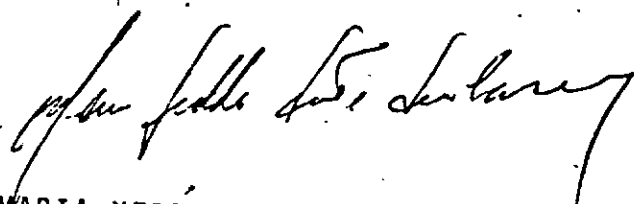
A partir dos critérios fixados, procedemos:

1. ao levantamento dos professores atuantes em Artes Cênicas e dos cursos que possuíam;
2. à convocação, através dos Editais nº 280 e nº 286, de 5/10/84 e de 29/11/84, respectivamente, daqueles que preenchiam os pré-requisitos;
3. à seleção dos que desejavam ou não permanecer como regente em Artes Cênicas, desistindo da disciplina para a qual foram cursados.

Após análise final da documentação apresentada, 124 (cento e vinte e quatro) professores optaram pela permanência em Artes Cênicas.

Tendo em vista todo o exposto, encaminhamos a Vossa Excelência a relação nominal dos professores, solicitando que seja providenciada, na forma competente, a mudança da disciplina a ser lecionada por eles.

Ao ensejo, reiteramos nosso profundo apreço.



MARIA YEDDA LEITE LINHARES
Secretária Municipal de Educação e Cultura

PROJETO LINGUAGENS ARTÍSTICAS

TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ENVIADOS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL
— JULHO DE 1998 —

↳ QUESTIONÁRIOS RECEBIDOS ATÉ 10 DE AGOSTO: 40% DO Nº DE PROFESSORES DA REDE
↳ TABULADOS: 50% DO MATERIAL RECEBIDO = 180 QUESTIONÁRIOS

RESUMO DAS RESPOSTAS:

PERGUNTA Nº 1: O que significa para você o trabalho de Educação Artística dentro da grade curricular?

- Muito importante / imprescindível / necessário
- Permite a criação / a expressão / a fantasia
- Desenvolve a sensibilidade / a solidariedade / a responsabilidade / o auto-controle
- Construção da cidadania
- Desenvolve o auto-conhecimento
- Oportuniza a interdisciplinaridade
- Permite maior integração
- Amplia horizontes
- Torna o aluno um apreciador consciente
- Redescobre talentos natos
- Desenvolve a socialização
- Desenvolve o espírito crítico / reflexivo / sensível / expressivo

PERGUNTA Nº 2: Quais as condições de trabalho na escola onde você atua?

ESPAÇO FÍSICO:

- 60% considera muito precário
- 30% considera razoável
- 10% considera adequado

RECURSOS MATERIAIS:

- 60% considera muito precário
- 30% considera razoável
- 10% adequado

APOIO DA DIREÇÃO / DA ESCOLA / DA COMUNIDADE:

- 50% apoio total
- 40% apoio razoável
- 10% insuficiente

PERGUNTA N° 3: Que indicativos você sugere na busca da melhoria de qualidade do seu trabalho e do trabalho de Educação Artística de uma maneira geral na grade?

\$ Mais investimento

\$ Salas específicas e com equipamento adequado

\$ Recursos materiais suficientes

\$ Maior acesso a espetáculos / eventos / visitas a centros culturais diversos / transporte

\$ Publicações específicas para a Rede

\$ Abertura para novos concursos

Priorizar o trabalho da Arte desde a educação infantil

Oferecer aos alunos mais de uma linguagem artística

Maior valorização das disciplinas de Educação Artística

Maior acesso a materiais de pesquisa

Grupos menores de alunos por turma (entre 20 e 25)

Mais cursos de reciclagem e capacitação / convênios com universidades

Apresentações de trabalhos em diversos espaços, inclusive nas próprias UUEE

Maior contato com a arte contemporânea

◇ Não retirar da grade, garantindo assim a obrigatoriedade

◇ Não confundir com oficina à parte

◇ Oficinas optativas

◇ Um Núcleo de Arte em cada escola

◇ O 1º segmento trabalhar com uma proposta integrada e o 2º por opção

◇ Projetos em várias escolas

**PERGUNTA N° 4: Você conhece o trabalho dos Núcleos de Arte da Rede Municipal?
O que você pensa sobre esse Programa de Extensão?**

✦ A MAIOR PARTE REVELOU NÃO TER INFORMAÇÕES SUFICIENTES SOBRE ESSE PROGRAMA

✦ OS QUE CONHECEM CONSIDERAM:

- Importante
- A escolha do aluno um dado positivo
- Paliativo para substituir o trabalho da grade
- Ótimo, devendo ser extensivo a todas as escolas

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA — PANORAMA DA REDE

Dados extraídos do *Relatório de Desempenho* - 1º bimestre/98
E/DGED/DEF/Projeto de Avaliação e Desempenho Escolar

Quadro I: Quantitativo de professores (matrículas) de Educação Artística

DISCIPLINA →	ARTES CÊNICAS	ARTES PLÁSTICAS	EDUCAÇÃO MUSICAL
Número de professores regentes	115	383	279

Total de professores (matrículas): 811

Não estão computados os professores recém-contratados e as duplas-regências.
São em torno de 162 profissionais.

Temos em média 950 matrículas para atuar
no 2º segmento do 1º grau.

Quadro II:

Rede Municipal : 1 033 escolas
Escolas com 2º segmento: 404
Número de turmas: em torno de 6 400

Quantitativo de alunos do 2º segmento: 236 952
Quantitativo de alunos atendidos (conceituados): 182 190
Quantitativo de alunos atendidos (não conceituados – com mais de 30 faltas): 175
Quantitativo de alunos não atendidos(falta de professor): 54 587

GRADE PROPOSTA PARA O 2º SEGMENTO:

1 Disciplina de Arte (AC, AP, EM)
durante dois tempos de hora/aula,
por série, no ano em curso.

Quadro III: Alunos/Turmas não avaliados em Educação Artística, por linguagem

Essa divisão leva em conta a opção da escola, segundo informação do Diretor da UE

TURMAS REGULARES (DA GRADE)			
SEM PROFESSOR			MAIS DE 30 FALTAS
Linguagens	Alunos	Turmas	Alunos
AC	5 587	140	25
AP	32 596	815	84
EM	16 404	415	66
Total	54 587	1370	175

Base do cálculo: 40 alunos por turma

1. Por que o aluno frequenta dentro do horário de aula algumas disciplinas e outras não?
2. Por que há alunos sem professor em uma disciplina obrigatória?

Quadro IV: Desempenho em Educação Artística

	AC	AP	EM	TOTAL
Alunos com EP	2 021	9 312	5 813	17 146

Total de alunos conceituados	182 190
Percentual de EP	9,4%

AOS PROFISSIONAIS DE ARTE - EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A Comissão **PHOENIX** e a **AERJ** - Associação de Arte Educadores do Rio de Janeiro, convida para sua 1ª reunião de 99, a ser realizada no dia

17 de abril (Sábado)

às 13 h 30 m

**Local: Auditório do CCH - Centro de Ciências Humanas da UNI RIO
(Av Pasteur nº 458 - Urca)**

Assuntos:

- Reativação da Associação**
- Indicação de nomes e cargos para nova diretoria**
- Congresso da FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil - em 99 - Salvador - BA**
- Formação de uma comissão de evento para a realização do Congresso da FAEB no Rio de Janeiro no ano 2000.**

Sua presença é muito importante.

Até lá!

COMISSÃO PHOENIX

**Informações pelos telefones: (021) 503 2336 / 503 2170 ou
2852801 (res)**

Liliane Mundim

(021) 234 5590

TEAR

AOS PROFISSIONAIS DE ARTE-EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Estamos no processo de reativação de nossa associação - a **AERJ - ASSOCIAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO RIO DE JANEIRO**. Realizamos a 1ª reunião de 99 no dia 17 de abril e faremos uma próxima no dia

22 de maio - (Sábado) - às 13 h

Local: Auditório do Centro de Ciências Humanas -
da Universidade do Rio de Janeiro - UNI - RIO
(Av. Pasteur nº 458 - Urca)

Sua presença é muito importante para que possamos :

- definir a legalização da **AERJ**
- designar nomes para composição de chapas para eleição da diretoria
- trocar informações sobre assuntos pertinentes à nossa área de atuação como por exemplo o Congresso da FAEB - FEDERAÇÃO DE ARTE - EDUCADORES DO BRASIL, que será em outubro na cidade de Salvador (BA)
- formar uma comissão de evento para a realização do Congresso da FAEB no Rio de Janeiro no ano 2000.

"As associações constróem uma consciência política que dá mais segurança para ousar conceitualmente."

("A Imagem no ensino da arte", Ana Mae Barbosa)

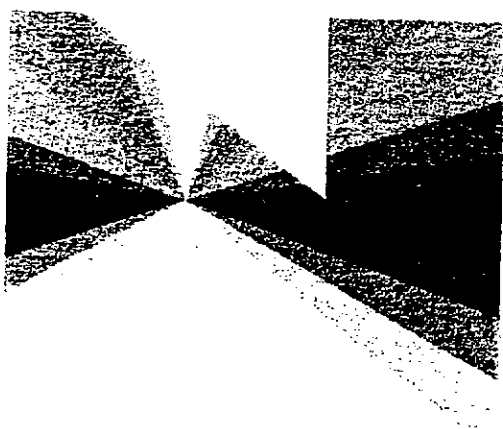
Não deixem de comparecer!

Comissão PHOENIX
(Comissão provisória tirada durante a luta da LDB)

Informações pelos telefones:

(021) 503 2336 / 503 2170 / 285 2801 (res) - Liliane Mundim
(021) 622 8661 - Evanise Kligierman (Niterói e Região dos Lagos)
(021) 234 5590 - "TEAR" - Denise Mendonça

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL
PROJETO LINGUAGENS ARTÍSTICAS



NÚCLEO DE ARTE

PROGRAMA NÚCLEO DE ARTE

**“ É preciso convidar os alunos para que façam Arte “
(Multieducação— Artes Plásticas)**

O Programa de Extensão Núcleo de Arte é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação e tem como objetivo estimular o potencial criador, inerente a cada ser humano, estimulando a relação intuitiva e sensível do aluno com o que o cerca, de forma a levá-lo a interagir com a sociedade em que vive, expressando-se através de múltiplas linguagens artísticas e produzindo cultura. Oportuniza também ao aluno que tenha talento e/ou interesse específico por determinada linguagem artística a possibilidade de aprofundar conhecimentos e técnicas.

Os Núcleos de Arte, implantados a partir de 1993, são oito, atualmente, sediados em Unidades Escolares e instituições conveniadas, devidamente instrumentalizadas para o desenvolvimento de oficinas nas diversas linguagens da Arte (Cênica, Plástica, Musical, Corporal e Literária). Oferecem aos alunos da rede pública municipal oficinas em horário diferente daquele em que estão matriculados na escola, caracterizando-se, então pela opção do aluno em freqüentá-las.

É importante observar que os Núcleos de Arte são unidades pluriescolares, portanto, não se limitam a atender somente aos alunos da escola que os sediam.

Pretende-se que os Núcleos de Arte possam tornar-se pontos de referência para o ensino da Arte e espaços da troca de experiência entre todos os professores e profissionais envolvidos com a arte-educação.

Os professores de Educação Artística da rede orientam as oficinas, coordenados por dois responsáveis pelo funcionamento do Núcleo (coordenador e adjunto), em parceria estreita com a Direção da unidade escolar-sede, supervisionados pelo Projeto Linguagens Artísticas e pela Divisão de Educação das Coordenadorias Regionais de Educação.

As oficinas são oferecidas em dois módulos, seqüenciais:

1. Módulo básico — fundamentos das diferentes linguagens
 - ☆ Artes Plásticas
 - ☆ Música
 - ☆ Dança
 - ☆ Arte Literária
 - ☆ Teatro
2. Módulo de continuidade — aprofundamento das linguagens específicas e/ou desdobramentos

Alguns exemplos:

- ☆ Cerâmica (Artes Plásticas)
- ☆ Montagem coreográfica (Dança)
- ☆ Prática de Montagem (Teatro)

Os Núcleos também garantem um espaço de produção — Módulo de produção — em decorrência do amadurecimento do processo de trabalho desenvolvido. Esse Módulo é formado por várias linguagens integradas e dele participam alunos que já freqüentam os módulos básico e/ou de continuidade, com o objetivo de montagens de espetáculos de qualidade.

Nos Núcleos também podem ocorrer vários tipos de eventos e projetos de acordo com as necessidades e possibilidades de cada grupo.

ações regulares

— seqüenciais —

oficinas de 1h30m, 2 vezes por semana

ações especiais

▣ MÓDULO BÁSICO

Fundamentos da linguagem

▣ MÓDULO DE CONTINUIDADE

Aprofundamento

▣ MÓDULO DE PRODUÇÃO

*Várias linguagens integradas
Alunos matriculados ou que já
freqüentaram os módulos regulares*

◎ OUTROS EVENTOS

*Mostras
Exposições
Projetos*



FORMULÁRIO MENSAL DE ACOMPANHAMENTO
QUADRO IV-3.3 -LINGUAGENS ARTÍSTICAS-NÚCLEOS DE ARTE

E/CRE		1ª	2ª		3ª		7ª		9ª	TOTAL GERAL POR OFICINA	
NÚCLEO DE ARTE		Avenida dos Desfiles	E.M. George Pfisterer	E.M. Alencastro Guimarães	Centro Psiq. Pedro II - CPPII	E.M. Prof. Souza Silveira	E.M. Silveira Sampaio	E.M. Albert Einstein	E.M. Charles Dickens		
N A T U R E Z A D E O F I C I N A	TEATRO	TURMAS	2	4	5	4	4	0	5	4	28
		PROF.REG (PI)	1	2	3	2	2	0	1	1	12
		ALUNOS	43	181	125	49	57	0	113	110	678
		ALUNOS ESPECIAIS	0	0	0	2	0	0	0	0	2
		TOTAL / ALUNOS	43	181	125	51	57	0	113	110	680
	LITERATURA	TURMAS	0	2	3	6	1	4	0	0	16
		PROF.REG (PI)	0	1	1	1	0	2	0	0	5
		ALUNOS	0	49	30	35	8	95	0	0	217
		ALUNOS ESPECIAIS	0	0	0	4	0	0	0	0	4
		TOTAL / ALUNOS	0	49	30	39	8	95	0	0	221
	ARTES PLÁSTICAS	TURMAS	2	4	4	12	5	8	8	4	47
		PROF.REG (PI)	1	2	2	3	2	3	2	2	17
		ALUNOS	30	133	61	24	72	139	90	101	650
		ALUNOS ESPECIAIS	0	0	0	62	0	0	0	0	62
		TOTAL / ALUNOS	30	133	61	86	72	139	90	101	712
	MÚSICA	TURMAS	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		PROF.REG (PI)	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		ALUNOS	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		ALUNOS ESPECIAIS	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		TOTAL / ALUNOS	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DANÇA	TURMAS	3	5	4	12	5	4	10	6	49	
	PROF.REG (PI)	1	3	2	3	2	1	2	3	17	
	ALUNOS	66	191	94	210	118	139	200	157	1175	
	ALUNOS ESPECIAIS	0	1	0	36	0	0	0	0	37	
	TOTAL / ALUNOS	66	192	94	246	118	139	200	157	1212	
TOTAL GERAL DOS NÚCLEOS DE ARTE		TURMAS	7	15	16	34	15	16	23	14	140
		PROF.REG (PI)	3	8	8	9	6	6	5	6	51
		ALUNOS	139	554	310	318	255	373	403	368	2720
		ALUNOS ESPECIAIS	0	1	0	104	0	0	0	0	105
		TOTAL / ALUNOS	169	683	389	500	330	478	547	436	3532

NÚCLEOS DE ARTE EM FUNCIONAMENTO

1º E-CRE

E.M. AV. DOS DESFILES

**Endereço : Rua Salvador de Sá, s/nº
Cidade Nova - Sambódromo - Setor 9
Tel.: 502 7122 ramal 177 ou 175**

2º E-CRE

E.M. GEORGE PFISTERER

**Endereço : Praça Nossa Auxiliadora, s/nº
Gávea . Tel.: 274 4407 - 530 5810**

E.M. ALENCASTRO GUIMARÃES

**Endereço : Rua Toneleros, 21. Copacabana
Tel.: 547 3709**

3º E-CRE

CENTRO PSIQUIÁTRICO PEDRO II

**Endereço : Rua Ramiro Magalhães, 521. Engenho de Dentro
Tel.: 597 4242 ramal 2059**

5º E-CRE

E.M. PROFESSOR SOUZA DA SILVEIRA

**Endereço : Rua Amália, s/nº. Piedade
Tel.: 596 0467**

7º E-CRE

E.M. SILVEIRA SAMPAIO

**Endereço : Rua José Perrota, 31. Curicica
Jacrepaguá. Tel.: 441 2550**

E.M. ALBERT EINSTEIN

**Endereço : Rua Guimarães Rosa, 156.
Novo Leblon Tel.: 438 0529**

9º E-CRE

E.M. CHARLES DICKENS

**Endereço : Rua Primeira Cruz, s/nº
Campo Grande Tel.: 413 3444**

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE TEATRO

DEPARTAMENTO DE INTERPRETAÇÃO

**PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM NÚCLEO DE TEATRO EDUCAÇÃO NA
UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO**

**PROPONENTE:
LILIANE FERREIRA MUNDIM**

Professora de Teatro Educação graduada pela Uni-Rio

**Professora Substituta de Teatro Educação e Prática de Ensino na Uni-Rio
(maio de 97 até maio de 99)**

MAIO DE 1999

JUSTIFICATIVA

Considerando de fundamental importância a questão da qualidade da formação do Teatro Educador como também sua formação continuada, apresentamos aqui uma proposta para a criação de um Núcleo de Pesquisa em Teatro Educação na Universidade do Rio de Janeiro – Uni-Rio.

A criação desse Núcleo vem contemplar antigas reivindicações de graduandos e pós-graduados na área de Teatro Educação que necessitam realimentar suas práticas teórico-pedagógicas que, sem dúvida, tornam-se muitas vezes defasadas ou enfraquecidas devido ao aspecto solitário da carreira do magistério na área de arte.

Torna-se então imprescindível a criação de um ponto de referência que possa proporcionar esse embasamento de forma qualitativa e permanente, no sentido de proporcionar aos profissionais de Teatro Educação a segurança e confiança necessária para o desenvolvimento de seu cotidiano de trabalho.

OBJETIVOS:

- . tornar-se um ponto de referência para o educador de Teatro, graduandos e pós – graduados nessa área
- . subsidiar esses profissionais com material teórico-prático
- . informar e atualizar sobre referências bibliográficas, novos materiais de consulta, etc
- . promover e divulgar cursos, seminários, congressos
- . contatar e promover parcerias com instituições governamentais e não governamentais
- . ministrar consultoria pedagógica
- . propiciar trocas de experiências com seus pares através de Centro de Estudo e Pesquisa orientado por profissionais da Universidade

AÇÕES A SEREM PLANEJADAS:

O Núcleo poderá inicialmente promover as seguintes ações:

- . Criação de um cadastro geral de profissionais / entidades / instituições afins na área de Teatro e Teatro Educação
- . Organização de um acervo de referências bibliográficas, livros, vídeos, brochuras, teses, encadernações e publicações educativas, periódicos, etc.
- . Criação de um Boletim Informativo que será enviado por meio de mala direta
- . Criação de um “site” na Internet e uma Caixa Postal para correspondência

ORGANOGRAMA :

.Coordenador responsável pelo Núcleo

.Alunos e ex-alunos que possam se responsabilizar pelas seguintes tarefas:

- organizar o acervo de textos, cadastro, etc
- organizar os trabalhos de pesquisa
- organizar a Bibliografia
- divulgar o Núcleo
- promover o intercâmbio entre outras entidades

CONCLUSÃO

Essa proposta está em consonância com as opiniões e reivindicações dos alunos da Licenciatura em Teatro dessa Universidade.

O material que embasa a criação do Núcleo foi pesquisado durante meus dois anos de trabalho como professora substituta na Universidade do Rio de Janeiro, com as disciplinas Teatro Educação III e Prática de Ensino II, desde 1997.

*“Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a **franquia** de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha **franquia** ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.”*

(Paulo Freire. “Pedagogia da Autonomia”)

Dentro dessa perspectiva, alguns movimentos de conscientização da importância da formação continuada do educador, começam a tomar corpo. Em algumas questões levantadas em sala de aula no curso de Teatro Educação da Uni-Rio, durante os anos de 1997, 98 e início de 99, observamos essa preocupação dos alunos em processo de formação. Eles próprios se perguntam:

Estaremos habilitados a lidar com o cotidiano de trabalho a partir do final do curso?

Como realimentaremos nossas práticas?

Paulo Freire já nos alertava para pensarmos nesse *inacabamento*.

"Como professor crítico, sou um "aventureiro" responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento."

("Pedagogia da Autonomia")